



A TERRITORIALIZAÇÃO DA EMPRESA SUZANO NO CAMPO EM SÃO PAULO E NO MARANHÃO¹

THE TERRITORIALIZATION SUZANO COMPANY IN THE FIELD IN SÃO PAULO AND MARANHÃO

LA TERRITORIALIZACIÓN DE LA EMPRESA SUZANO EN EL CAMPO EN SÃO PAULO E MARANHÃO

Marta Inez Medeiros Marques

Profa. Dra. - Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo

Grupo de Pesquisa: Desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo: o campo e a cidade em movimento

E-mail: mimmar@usp.br

RESUMO

Este artigo analisa a expansão territorial da monocultura de eucalipto realizada pela Empresa Suzano Papel e Celulose nos estados de São Paulo e Maranhão e alguns impactos desta atividade. Evidencia-se a força transformadora desse movimento e suas nuances históricas e geográficas. Destaca-se a organização crescente, embora ainda pontual, de movimentos e organizações sociais que resistem ao avanço da produção de eucalipto. O estudo baseou-se em levantamento de material documental, cartográfico e em pesquisa direta, além da análise de dados estatísticos oficiais e de entidades de representação do setor de produção de madeira, papel e celulose.

Palavras-chave: Suzano Papel e Celulose; monocultura de eucalipto; uso da terra; São Paulo; Maranhão.

ABSTRACT

This article assays the territorial expansion of the eucalyptus monoculture held by the company Suzano Papel e Celulose in the States of São Paulo and Maranhão and some impacts of this activity. It sees the transforming power of this movement and its historical and geographical nuances. It demonstrates the growing organization, while still small, of social movements and organizations that resist the advance of the eucalyptus production. The study was based on survey of documentary and cartographic material, direct research, in addition to the examination of statistical data produced by official institutions and by representative bodies of wood, pulp and paper sector.

Keywords: Suzano Papel e Celulose; eucalyptus monoculture; land use; São Paulo; Maranhão.

RESUMEN

Este artículo analiza la expansión territorial del monocultivo del eucalipto realizada por la Empresa Suzano Papel e Celulose en los estados de São Paulo y Maranhão y algunos impactos de esta actividad. Se ha evidenciado la fuerza transformadora de ese proceso y sus matices históricos y geográficos. Destacase la actuación creciente, aunque todavía puntual, de movimientos y organizaciones sociales que han resistido al avance de la producción del eucalipto. El estudio se ha basado en levantamiento de material documental, cartográfico y en investigación directa, además de análisis de datos estadísticos oficiales y de entidades de representación del sector de producción de madera, papel y celulosa.

Palabras-clave: Suzano Papel e Celulose; monocultura de eucalipto; uso de la tierra; São Paulo; Maranhão.

¹ Este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa intitulada “Análise geográfica da expansão recente da indústria de papel e celulose no campo brasileiro: o caso da Suzano Papel e Celulose”, realizada sob a minha coordenação com o apoio financeiro do CNPq - Processo: 401680/2011-8, Chamada CNPq /CAPES N° 07/2011 - e da Universidade de São Paulo.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a expansão territorial da monocultura de eucalipto realizada pela Empresa Suzano Papel e Celulose nos estados de São Paulo e Maranhão, visando assegurar o seu fornecimento de madeira - matéria-prima para suas indústrias de papel e celulose, e alguns impactos desta atividade.

A Suzano é uma empresa verticalizada, ou seja, desenvolve todas as etapas do processo produtivo de forma integrada, desde a pesquisa e experimentação de espécies e variedades mais produtivas, a produção da muda em viveiros, o plantio e manejo do eucalipto, a colheita e o transporte da madeira, até a produção da celulose e do papel e sua distribuição. Em algumas dessas etapas produtivas, a empresa subcontrata os serviços de empresas menores especializadas em atividades específicas como a produção de mudas, o manejo e o corte da madeira.

Do ponto de vista da gestão, a empresa está dividida em três Unidades de Negócio distintas: “Florestal”², Celulose e Papel. A Unidade de Negócio “Florestal”, para além do fornecimento de madeira para a Unidade Celulose, também tem por atribuição buscar outras oportunidades de negócios. A Unidade Celulose está voltada para o abastecimento da Unidade Papel, mas a maior parte do que produz é comercializada no mercado externo e atualmente tem-se buscado ampliar ainda mais essa participação. A Unidade Papel busca o aperfeiçoamento do que já produz e a diversificação com o lançamento de novos produtos (SUZANO, 2009).

A Suzano Papel e Celulose (2012, p. 11) se auto define como “uma empresa de base florestal dedicada aos segmentos de celulose, papel e biotecnologia”. Ela possui unidades industriais nos estados de São Paulo, Bahia e Maranhão, assim distribuídas: duas unidades no município de Suzano,³ uma em Embu e uma em Limeira, no Estado de São Paulo; uma em Mucuri, na Bahia; e uma em Imperatriz no Maranhão. Mantém escritórios comerciais na China, nos Estados Unidos e na Suíça, laboratórios de pesquisa em Israel e na China, e subsidiárias na Inglaterra (Sun Paper) e Argentina (Stenfar).

Em 2014, as vendas de celulose representaram 53% de suas receitas, sendo cerca de 84% deste percentual referentes a exportações, assim distribuídos: 40,8% para a Ásia; 30,3% para a Europa; 12% para a América do Norte e 1,05% para a América do Sul e Central. Com o início das operações no Maranhão no final de 2013, a produção de celulose para exportação ultrapassou os 3 milhões de toneladas (SUZANO, 2014, p. 17).

² Os termos floresta e florestal aparecem aspeados quando desejamos indicar o uso ideológico desta denominação feito por empresas, órgãos do Estado e outros. Originariamente o termo se refere a uma formação vegetal natural que apresenta biodiversidade, entre outras características ausentes nas áreas de monocultivo de árvores.

³ Unidade Industrial Suzano e Unidade Industrial Rio Verde.

A escolha da Suzano Papel e Celulose como objeto de pesquisa se apoiou nos seguintes fatos: ela é uma das maiores e mais tradicionais empresas nacionais atuantes no setor e a primeira dentre elas a abrir o seu capital em bolsa de valores, o que se deu em 1980; tem papel protagônico no desenvolvimento de tecnologia nacional para a melhoria genética do eucalipto aplicada à produção de celulose, com pesquisa de ponta na área de biotecnologia;⁴ atua ativamente nos novos mercados criados pela economia verde, foi a primeira empresa com plantação de eucalipto a vender crédito de carbono na Chicago Climate Exchange em 2004; tem a região do MATOPIBA⁵ como principal área de expansão para seus novos investimentos produtivos.

Foi adotada uma metodologia de pesquisa qualitativa, com a realização do levantamento de material bibliográfico, de imagens e de dados estatísticos do governo (IBGE, BNDES) e entidades representativas do setor (BRACELPA e ABRAF), relativos à indústria de papel e celulose no país. Foi realizado o levantamento de documentos e artigos sobre o tema produzidos pela própria Suzano Papel e Celulose e pela imprensa (local e nacional), por representantes da sociedade civil (movimentos sociais e ONGs) e pela academia. Também foi realizado trabalho de campo em áreas da Suzano localizadas nos estados do Maranhão e de São Paulo. Foram visitadas as regiões de Imperatriz (MA)⁶ e do Leste Maranhense (MA)⁷ e os municípios de São Luís do Paraitinga (SP), Salesópolis (SP) e São Miguel Arcanjo (SP)⁸.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas junto a funcionários da empresa, moradores, autoridades locais, trabalhadores do setor e lideranças sindicais e de movimentos sociais. De um modo geral foi difícil o acesso aos funcionários da Suzano dadas as barreiras criadas pela empresa, apesar disso, foram entrevistados dois funcionários da gerência socioambiental da Unidade Florestal do Maranhão e um da área de produção da Unidade Florestal em São Paulo, além de um ex-funcionário aposentado do segmento da produção agrícola em São Paulo.

⁴ A Suzano tem investido no desenvolvimento de variedades transgênicas do eucalipto por meio de sua subsidiária FuturaGene Brasil. Em 9 de abril de 2015, a empresa obteve da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) o licenciamento para uso comercial de uma variedade de eucalipto transgênico batizada de H421. Ela será a primeira empresa no mundo a usar em escala comercial o eucalipto transgênico. (O Estado de São Paulo [online], 10/04/2015. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,suzano-usara-1-eucalipto-transgenico-do-mundo-imp-,1667120>, acesso em 10/04/2015)

⁵ A região de MATOPIBA é considerada a última fronteira agrícola do país e sua denominação é um acrônimo formado com as iniciais dos estados que a compõem (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia). Em 6 de maio de 2015 foi assinado o Decreto nº 8.447 que dispõe sobre o Plano de Desenvolvimento Agropecuário do MATOPIBA (PDA-MATOPIBA).

⁶ Agradecemos o apoio fundamental que nos foi dado na ocasião por Francisco Lima e Luciléa Lopes, professores Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

⁷ Nesta viagem fomos acompanhados por José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior, orientando de mestrado à época e integrante da equipe de pesquisa; e por Josoaldo Rego, professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e estudioso da região.

⁸ O campo em São Paulo contou com a participação Taciana Ribeiro e Olga Geremias, alunas de graduação em geografia da Universidade de São Paulo e integrantes da equipe de pesquisa.

2 SUZANO E A EXPANSÃO DA MONOCULTURA DE EUCALIPTO EM SÃO PAULO E NO MARANHÃO

A Suzano produz de forma integrada, obtendo a maior parte da matéria-prima de que precisa a partir de suas próprias terras. O fornecimento de madeira para suas indústrias de papel e celulose é assegurado por monoculturas de eucalipto realizadas majoritariamente em terras próprias, adquiridas por meio de diferentes mecanismos. Também arrendam terras, principalmente no estado de São Paulo, onde o preço do hectare é mais alto, e compram madeira produzida por outros para complementar o seu abastecimento. Neste último caso, a Suzano desenvolve programas de fomento “florestal”⁹ nas regiões onde atua visando integrar à sua produção propriedades localizadas próximo às suas fábricas.

Destaca-se a existência de diferenças regionais importantes entre os mercados de terra e de madeira nos estados onde a Suzano possui unidades industriais e parte significativa de sua base “florestal”. Chama a atenção o fato de em São Paulo o arrendamento ser a estratégia complementar mais importante adotada por empresas de base “florestal” como a Suzano,¹⁰ correspondendo a 24,4% da área plantada, enquanto na Bahia, é o fomento que alcança cerca de 25,3% da área plantada (ABRAF, 2013, p. 51).

Sua base “florestal” no Brasil abrangia aproximadamente 1,06 milhão de hectares em 2014, dos quais 519 mil hectares destinados aos plantios de eucalipto nos estados de São Paulo, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Piauí, Tocantins, Pará e Maranhão (SUZANO, 2014, p. 12), configurando um amplo território sobre o qual exerce o seu controle. A expansão territorial em regiões distintas do país, caracterizadas por grandes diferenças quanto à economia, infraestrutura, localização, cultura e meio ambiente, confere à Suzano maior flexibilidade para lidar com os riscos característicos de suas atividades.

Em São Paulo, ela disputa com outras empresas a exploração de extensos eucaliptais distribuídos por vastas áreas, tendo como um de seus principais centros a mesorregião de Itapetininga que, juntamente com a de Bauru, forma uma imensa área coberta pela monocultura de

⁹ O termo fomento geralmente se refere a projetos e programas de incentivo a atividades na área rural, seja a agricultura, a pecuária, ou a atividade “florestal”. O fomento “florestal” incentiva o cultivo de espécies arbóreas, visando tanto atender a fins econômicos como à formação de florestas de preservação ou à reposição florestal. O fomento “florestal” pode ser de iniciativa pública, privada ou conjunta, quando envolve ações públicas e privadas.

¹⁰ A empresa papelreira Internacional Paper possui extensas áreas arrendadas em São Paulo por se tratar de empresa estrangeira. Segundo artigo 5º do Decreto nº 74.965, de 26 de novembro de 1974, que regulamenta a Lei nº 5.709, de 9 de outubro de 1971, que dispõe sobre a aquisição de imóvel rural por estrangeiros residente no país ou pessoa jurídica estrangeira autorizada a funcionar no Brasil: “A soma das áreas rurais pertencentes a pessoas estrangeiras, físicas ou jurídicas, não poderá ultrapassar 1/4 (um quarto) da superfície dos Municípios onde se situem comprovada por certidão do Registro de Imóveis, com base no livro auxiliar de que trata o artigo 15.”

eucalipto, responsável por cerca de metade da produção do estado (as duas somaram uma produção de mais de 10 milhões de m³ de madeira em 2012). No caso da Bahia, a Suzano e a Fibria controlam a região do Extremo Sul, caracterizada por um elevado grau de especialização produtiva, onde está condensada cerca de 87% da produção estadual. No Maranhão, por sua vez, a Suzano não tem concorrentes importantes e possui uma ampla área destinada ao abastecimento da fábrica instalada em Imperatriz. Parte das terras situadas no Pará, Piauí e Tocantins, ainda se encontra em fase de formação.

Neste artigo será analisada a expansão da Unidade Florestal da Suzano, ou seja, a sua territorialização no campo visando direta ou indiretamente à produção de madeira para suas indústrias. Para isso, será considerada especialmente sua atuação em São Paulo, seu estado de origem, e no Maranhão, onde se verifica atualmente sua mais nova frente de investimentos.

A presença da Suzano em São Paulo se confunde com a história de expansão dos plantios de eucalipto neste estado desde muito cedo. É onde a empresa começou as suas atividades e possui hoje o maior número de unidades industriais, são ao todo 4 unidades.¹¹ A sua base “florestal”, concentrada nas áreas de entorno de suas indústrias, está inserida em “polos de reflorestamento” do estado.

A definição da atual configuração espacial das áreas de monocultivo de eucalipto no estado tem início com a instalação dos plantios da Companhia Paulista. Foi em São Paulo onde se deu a introdução de espécies exóticas com o propósito de estabelecimento de plantios de rápido crescimento, primeiramente para uso das ferrovias e depois para fins industriais. Foi importante da mesma forma, a localização das indústrias de papel e celulose, que por sua vez, buscaram se situar em áreas próximas da metrópole, principal mercado consumidor de papel. Por fim, é preciso lembrar que os vastos estímulos governamentais que marcaram o final dos anos 1960 e sobretudo os anos 1970 contribuíram para uma espacialização concentrada dos plantios “florestais”, visando uma maior racionalização do processo e para evitar a dispersão dos recursos investidos.

Kronka *et al.* realizaram um diagnóstico e elaboraram o “Inventário florestal das áreas reflorestadas do Estado de São Paulo” em 2002, em que identificaram cinco grandes áreas de concentração das plantações de eucalipto e de pinus no estado ou “polos de reflorestamento”: (1) Itapeva / Capão Bonito / Buri; (2) Itapetininga / Sorocaba / Pilar do Sul; (3) Botucatu / Itatinga / Agudos; (4) Luis Antonio / Itirapina / Mogi-Guaçu e (5) Salesópolis / Bragança Paulista / Campos do Jordão.

¹¹ Assim distribuídas: duas indústrias no município de Suzano, uma no Embu, e uma em Limeira.

A Suzano possui sua base “florestal” distribuída em todos os “polos de reflorestamento” acima referidos, englobando 51 municípios, que são agrupados pela empresa em sete Núcleos de Produção, com sedes em Biritiba Mirim (SP1), São Miguel Arcanjo (SP2), Itatinga (SP3), Itararé (SP4), Lençóis Paulista (SP5), Itirapina (SP6) e Araraquara (SP7). Tais núcleos são reunidos em duas regionais situadas em contextos geográficos distintos: a *Suzano Sul*, que engloba a SP1, SP2, SP3 e a SP4 e está voltada para o abastecimento das unidades industriais em Suzano; e a *Suzano Norte*, composta pelas SP5, SP6 e SP7 e integrada às fábricas de Limeira e Embu.¹²

Na área que corresponde à atuação da *Suzano Sul*, a empresa é proprietária de grande parte das terras plantadas para abastecer suas indústrias e o arrendamento corresponde a apenas 5% das terras que cultiva.¹³ Enquanto a *Suzano Norte*, situada em área cujo preço da terra é mais elevado, possui cerca de 30% de seus plantios em terra arrendada. Isso pode ser explicado por dois motivos: porque durante o período em que a Suzano possuía a indústria de Limeira em sociedade com a Votorantim optou-se conjuntamente por não se fazer investimento em terra; ou como uma estratégia para reduzir o impacto do alto preço da terra praticado na região nas contas da empresa.

A *Suzano Sul* é composta pelos municípios de Avaré, Alambari, Angatuba, Biritiba Mirim, Bofete, Capão Bonito, Guararema, Guareí, Itapetininga, Itatinga, Itararé, Itu, Mogi das Cruzes, Paraibúna, Pardinho, Pilar do Sul, Porangaba, Salesópolis, Salto de Pirapora, Santa Rosa do Viterbo, Santo André, São José dos Campos, São Luis do Paraitinga, São Miguel Arcanjo, São Simão, Sarapuí e Suzano. A *Suzano Norte*, estruturada a partir da aquisição da totalidade da fábrica de Limeira em 2010, juntamente com a sua base “florestal”, apresenta uma distribuição espacial mais dispersa, com áreas em Araraquara, Itirapina, Lençóis Paulista, Limeira, São Simão e municípios do entorno destes (SUZANO, 2009 e 2012).¹⁴

A *Suzano Sul* está situada em região ocupada pela atividade pecuária juntamente com uma diversidade de culturas, muitas voltadas para o abastecimento da metrópole paulistana. De acordo com os dados do “Inventário florestal das áreas reflorestadas do Estado de São Paulo”, a área em que se localiza o Polo de Itapetininga / Sorocaba / Pilar do Sul foi uma das primeiras onde o eucalipto foi introduzido pela Cia. Paulista e obteve rápido crescimento. Hoje a silvicultura divide importância na região com a pecuária de corte, a produção de cereais e a fruticultura.

Desde cedo, devido às características do solo e à topografia pouco favoráveis ao cultivo da cana-de-açúcar e do café, a expansão econômica para o oeste do estado manteve a região de Sorocaba e Itapetininga como base florestal nativa para uso em construção civil, queima etc., além

¹² Conforme informação obtida em entrevista com funcionário da empresa.

¹³ Segundo informação obtida com funcionário da Unidade Florestal da *Suzano Sul* em novembro de 2013.

¹⁴ Não foi possível obter a informação precisa sobre os municípios que compõem a Suzano Norte seja por meio de documentos, seja por meio de entrevista.

de lócus para atividades de silvicultura visando o fornecimento para indústrias de celulose e papel, resinas, móveis e produtos de madeira.

Mais tarde, com as políticas de estímulo ao “reflorestamento” na década de 1970, essa região alcançou a importância que mantém até hoje em termos de área plantada com eucalipto, com o avanço deste cultivo em terras de agricultura e áreas de floresta. Porém, entre 1971 e 2000, a região que mais se destacou no estado de São Paulo quanto ao crescimento de áreas plantadas com eucalipto foi o Vale do Paraíba (FANZERES *et al.*, 2005, p. 171).

Na região do Vale do Paraíba, a produção leiteira e de gado de corte perdeu espaço para a silvicultura e as empresas de papel e celulose têm arrendado e comprado terras tradicionalmente utilizadas para esta atividade e também para a atividade agrícola, transformando-as em plantios de eucalipto. Trata-se de uma região que ainda apresenta marcada presença de produtores camponeses e onde são frequentes os conflitos entre essas empresas e as comunidades locais envolvendo questões fundiárias e ambientais.

O eucalipto foi implantado em São Luís do Paraitinga-SP em 1970 pela Suzano e avançou em diversas áreas do município nas décadas seguintes, promovendo um processo de concentração de terras e gerando impactos econômicos, sociais, ambientais e culturais.¹⁵ Como reação a isso, foi criado o Movimento em Defesa dos Pequenos Agricultores (MDPA) que buscou apoio junto à Defensoria Pública de Taubaté para conter a expansão desta monocultura, quando foi ajuizada a Ação Civil Pública (ACP) nº 593/2007 contra Votorantim Celulose e Papel (VCP), atual Fibria, a Suzano Papel e Celulose e o município de São Luís do Paraitinga.

Foram destacados ainda os impactos culturais da monocultura, seja afastando a população das zonas rurais, um dos últimos resquícios da chamada “cultura caipira” do interior de São Paulo, seja impedindo o acesso e a conservação de Igrejas rurais, capelas e casas de fazendas. De acordo com o documento, “segundo moradores dos bairros Pico Agudo e Ribeirão Claro, Sertãozinho e Toca da Cotia e Selado, as empresas, Cia. Suzano de Papel e Celulose e Votorantim Celulose e Papel (VCP), ao adquirirem propriedades para o plantio de eucalipto, fecharam caminhos antigos que davam acesso às Igrejas e Capelas, impedindo dessa forma a continuidade das celebrações devocionais e festivas da comunidade com os seus santos de fé e devoção”. (Cultura e mercado, 8/12/2007).

Em 2008 o Tribunal de Justiça do Estado proibiu o plantio de eucalipto em novas áreas em São Luís do Paraitinga e condicionou a sua retomada à elaboração prévia de um Estudo de Impacto Ambiental / Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) (TOLEDO, 2012).

¹⁵ Segundo dados do censo agropecuário do IBGE de 2006, o município de São Luís do Paraitinga apresenta poucos estabelecimentos agropecuários dedicados à silvicultura e extensas áreas cortadas de eucalipto, o que indica a ocorrência de uma elevada concentração de terras no tocante a essa atividade.

Na região de Biritiba Mirim, Salesópolis, Mogi das Cruzes e Suzano, com forte presença de imigrantes japoneses, destaca-se a produção hortifrutigranjeira e de eucalipto. Em Salesópolis, com topografia acidentada e cerca de metade de sua área ainda coberta por Mata Atlântica - o que inclui o Parque Estadual Nascente do Tietê e uma porção do Parque da Serra do Mar -, observam-se extensas áreas de silvicultura.¹⁶ Neste município muitos proprietários rurais participam de programas de fomento “florestal” e estão organizados na Cooperativa Agrícola Mista do Alto Tietê (CAMAT) - que reúne cerca de 200 cooperados entre pequenos e médios produtores de eucalipto e comercializa a madeira por eles produzida. No início dos anos 2000, ela desempenhou um papel importante na relação entre grandes empresas que atuam na região como a Suzano e os produtores que com elas mantinham contratos de fomento, lhes assegurando maior poder de negociação. Hoje, porém, a Suzano retirou a CAMAT da transação e trata direto com o produtor.

A *Suzano Norte* reúne municípios do Polo de Luis Antonio / Itirapina / Mogi-Guaçu e do Polo Botucatu / Itatinga / Agudos delimitados por KRONKA et al. (2002), onde o plantio de eucalipto convive com as culturas de cana-de-açúcar e laranja. O domínio dessas culturas se consolidou na região nos anos 1970 com o avanço da modernização de sua base técnica e a instalação de unidades industriais para a produção de álcool e de suco de laranja, pressionando o preço da terra para cima e inicialmente deixando para o eucalipto os terrenos de pior qualidade. Nos últimos quinze anos, porém, devido a oscilações observadas nos mercados de produtos derivados da cana e da laranja, tem-se verificado certa reconfiguração territorial da produção na região, com a laranja perdendo espaço para a cana em algumas áreas e, em outras, com o eucalipto entrando em terras onde havia cana.

É neste contexto que a Suzano passa a realizar na área os investimentos que irão resultar na formação da regional *Suzano Norte*, passo importante para a sua consolidação como exportadora de celulose de mercado e empresa de caráter mundial. Desde a implantação de sua unidade industrial em Mucuri na Bahia no início dos anos 1990, a Suzano tem buscado se constituir como uma grande empresa e seu novo plano de expansão no estado do Maranhão e entorno vem corroborar esse propósito.

A Suzano possui hoje uma fábrica de celulose no município de Imperatriz no Maranhão, que entrou em funcionamento em dezembro de 2013. Em seu plano de expansão divulgado em 2008, além desta nova unidade industrial, a empresa previa a instalação simultânea de uma fábrica de

¹⁶ Segundo dados do censo agropecuário do IBGE de 1996, o município de Salesópolis apresentava 493 estabelecimentos agropecuários, o que correspondia a 49,88% da área total dos estabelecimentos, ocupados com matas e “florestas artificiais”. Segundo dados do mesmo censo, predominavam no município pequenos estabelecimentos, com cerca de 20 ha.

pellets de madeira em Chapadinha, no nordeste do mesmo estado,¹⁷ seguida de mais uma outra fábrica de celulose, no Piauí.

Mas, devido a mudanças no mercado em razão da crise econômica mundial e também em decorrência das ações movidas pelo Ministério Público Federal no Maranhão, Piauí e Tocantins questionando o processo de licenciamento de seu projeto na região do Baixo Parnaíba, a Suzano adiou por tempo indeterminado a implantação de novas unidades industriais na região.

Mesmo assim, a formação da base “florestal” a ser utilizada por essas três indústrias, que teve início há bastante tempo, continuou em andamento nos três estados. Em publicação de setembro de 2013 a Suzano anunciou possuir 405 mil ha de terras nos estados do Maranhão, Piauí e Tocantins, sendo 119 mil ha de área plantada (SUZANO, 2013a, p. 8).

Na década de 1980 a Suzano iniciou a compra de terras e o plantio de eucalipto em oito municípios do Leste Maranhense, com o objetivo de instalar plantios comerciais, por meio da Comercial Agrícola Paineiras Ltda., sua subsidiária (PAULA ANDRADE *et al.*, 2012, p. 26). Porém, devido a problemas de adaptação das espécies utilizadas, ela desacelerou a implantação dos cultivos e passou a realizar pesquisa para o desenvolvimento de variedades ajustadas às condições de clima e solo da região (STCP, 2010, p. 32).

Em 1991 foi criada na região a Maranhão Gusa S.A. (MARGUSA) e seu braço “florestal” a Maranhão Reflorestadora Ltda. (MARFLORA) com o objetivo de explorar a mata nativa para produção de carvão vegetal. Conforme explica Paula Andrade *et al.*:

A MARGUSA foi fundada em 1991 pelo grupo japonês Yanmar (Yanmar do Brasil S/A), e permaneceu em operação até 1995, transformando madeira nativa em carvão. Em 1996 a empresa foi desativada, permanecendo assim até 1997, quando foi comprada pela Calsete Siderurgia Ltda., de Minas Gerais. Entrou em funcionamento novamente e assim permaneceu de 1997 a 2003. Em dezembro de 2003 foi adquirida pelo Grupo Gerdau, cuja fábrica de maior capacidade produtiva se localiza em Contagem, Minas Gerais. Percebe-se, deste modo, uma profusão de razões sociais e de empreendimentos econômicos distintos, porém com a permanente intenção de açambarcar grandes extensões de terra para fins de exploração da floresta nativa ou sua extinção para implantação de plantios homogêneos (2012, p. 26).

A base “florestal” da MARGUSA foi estabelecida a partir do arrendamento de 42 mil ha de terras da Comercial Agrícola Paineiras Ltda., área que hoje faz parte da base “florestal” da Suzano, em projetos de produção de *pellets* e celulose.

¹⁷ Região conhecida pela denominação de Baixo Parnaíba e classificada pelo IBGE como mesorregião do Leste Maranhense, é formada pelas microrregiões de Chapadinha, Coelho Neto, Baixo Parnaíba Maranhense, Chapadas do Alto Itapecuru, Codó e Caxias.

E, embora as finalidades do empreendimento da MARGUSA e da Suzano fossem distintas, continuou valendo o EIA RIMA elaborado pela primeira para o novo empreendimento proposto pela segunda, o que embasou o processo de licenciamento realizado em 2009 para instalação e operação do projeto da Suzano. A Secretaria do Meio Ambiente do Maranhão realizou o licenciamento ambiental sem uma avaliação bem fundamentada dos impactos do projeto, sem ouvir as demandas das comunidades existentes na área, inclusive das comunidades de remanescentes de quilombos, e sem considerar a existência de conflitos fundiários envolvendo terras reivindicadas pela Suzano.

O Procurador Alexandre Soares do Ministério Público Federal no Maranhão (MPF-MA)¹⁸ esclareceu que, por se tratar de um projeto de caráter regional, envolvendo três estados (Maranhão, Piauí e Tocantins), a licença para a realização do empreendimento deveria ser federal e não estadual, como foi feito. Por isso, foi movida uma ação civil pública, com pedido de liminar, contra a Suzano Papel e Celulose e o Estado do Maranhão em 2010 para a federalização do licenciamento. Em resposta a essa ação, o Tribunal Regional Federal suspendeu a licença concedida pela SEMA-MA no primeiro semestre de 2012, o que foi confirmado pelo Supremo Tribunal de Justiça. Em junho também foi suspensa a licença prévia referente à unidade industrial da Suzano no Piauí por ação do MPF-PI. O MPF-TO também entrou com ação semelhante.

Apesar da suspensão do licenciamento das atividades da Suzano na região do Leste Maranhense encontramos áreas sendo pulverizadas com agrotóxico em suas terras na estrada que leva à Comunidade de Ingá, Santa Quitéria - MA (Figura 1).

Figura 1: Máquinas de empresa terceirizada utilizadas para a aplicação de agrotóxicos em área de plantio de eucalipto da Suzano em Santa Quitéria - MA, em 13/08/2012.



Autoria: José Arnaldo Ribeiro Jr., ago/2012.

¹⁸ Em entrevista realizada em 15 de agosto de 2012.

Outra derrota da Suzano na área nos foi relatada por lideranças das comunidades de Coceira e Lagoa das Caraíbas no município de Santa Quitéria¹⁹. Segundo elas, a MARFLORA desmatou terras de chapada com o uso de motosserra para fazer carvão utilizando como mão de obra pessoas do lugar, mas aos poucos a madeira foi escasseando e a demanda por trabalhador também. Nos anos 2000, quando a Suzano começou a formar campos de eucaliptos, ela desmatou extensas áreas com o uso do correntão. Foi quando as comunidades perceberam que a madeira ia acabar e que estavam ficando cercadas, e passaram a se organizar para resistir a partir de 2004.

As comunidades São José, Lagoa das Caraíbas, Baixão do Coceira e Coceiras delimitaram uma área com cerca de 6.000 ha e reivindicaram para eles, mas a Suzano alegou ser proprietária das terras. Em 2006 a justiça deu reintegração de posse em favor da Suzano, mas as comunidades resistiram e ameaçaram queimar as máquinas da empresa que vieram para entrar na área. A polícia interveio e conseguiu a retirada dos tratores. O processo prosseguiu, o ITERMA e o INCRA fizeram a vistoria da área. Em abril de 2012 a Suzano apresentou às comunidades uma proposta nos seguintes termos: 3.600 ha da área reivindicada seriam destinados a elas (1.000 ha para Coceira; 1.000 ha para Baixão do Coceira; 1.000 ha para Lagoa das Caraíbas; e 600 ha para São José) e os 2.400 ha restantes seriam transformados em área de preservação para atender a exigências quanto à criação de áreas de reserva legal nas terras da empresa. As comunidades não aceitaram a proposta e finalmente, em agosto de 2012, conquistaram o reconhecimento do direito de posse sobre a área reivindicada.²⁰

O Leste Maranhense ainda apresenta muitas comunidades de posseiros vivendo em terras devolutas e com o uso comum de áreas de cerrado e cerradão. Porém essas comunidades têm sido alvo de ações de grilagem, seja por parte de empresas do setor “florestal”, seja pelos produtores de soja, que têm expandido amplamente as suas atividades na região desde os anos 2000. Moradores dessas comunidades afirmam que os sojeiros, mais conhecidos como *gaúchos*, são mais violentos do que a Suzano e também disputam terra com essa empresa em alguns municípios da região²¹.

Para o abastecimento da fábrica de Imperatriz, a meta declarada para aquisição de terras é de 173 mil ha, sendo 65% no Maranhão e 35% no Tocantins. No Pará, a Suzano estabeleceu inicialmente parceria com o Fundo de Investimento Vale Florestar, com quem firmou contrato de compra de madeira no período entre 2014 e 2028, porém em junho de 2014 a empresa comprou o

¹⁹ Em entrevistas concedidas durante o trabalho de campo que realizamos na área em agosto de 2012.

²⁰ Para levar à frente essa luta, as comunidades contaram com o apoio do Centro de Defesa dos Direitos Humanos no Município de Santa Quitéria, do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Barreirinhas e da Sociedade Maranhense de Direitos Humanos, com sede em São Luís.

²¹ Sobre os conflitos com os *gaúchos* no Leste Maranhense, ver PAULA ANDRADE, 2012.

fundo, tornando-se proprietária de seus 45 mil ha de eucalipto no estado (RÓSTAS, 2014). A área total prevista para fomento é de cerca de 12 mil ha. (SUZANO, 2011 e 2013)

No Maranhão, o projeto da unidade industrial de Imperatriz está inserido na região do pólo integrado Estreito /Porto Franco /Imperatriz, considerada pólo de desenvolvimento industrial e agroflorestal, que engloba municípios das mesorregiões Oeste e Sul. A área de interesse do projeto abrange 22 municípios neste estado: João Lisboa, Imperatriz, Senador La Roque, Grajaú, Buritirana, Davinópolis, Gov. Edson Lobão, Montes Altos, Sítio Novo, Ribamar Fiquene, Lajeado Novo, Campestre, São João, Porto Franco, Formosa da Serra Negra, Estreito, São Pedro dos Crentes, Fortaleza dos Nogueiras, Feira Nova do Maranhão, Carolina, Nova Colinas, Riachão. No Tocantins, a região em foco compreende cerca de 20 municípios e no Piauí, 38 municípios (SUZANO, 2011).

A região de influência do projeto passou a apresentar expressivo crescimento econômico a partir da década de 1970 com o Programa Grande Carajás e a implantação da Ferrovia Carajás-Itaqui para o transporte de minério. Em 1988, foi implantada a Ferrovia Norte-Sul e, em 1992, a Celulose do Maranhão S.A. (CELMAR S.A.),²² que previa a implantação de uma indústria de celulose e investimentos de mais de US\$ 1 bilhão em plantios de eucalipto. A consolidação do pólo Guseiro se deu a partir dos anos 1990 com a implantação de seis usinas no município de Açailândia (SUZANO, 2011 e STCP, 2010).

Imperatriz é o maior entroncamento comercial, energético e econômico do estado, sendo ainda o segundo maior centro populacional, econômico, político e cultural do Maranhão e possui um posicionamento estratégico útil não só ao estado mas também para todo o norte do país. Imperatriz está num cruzamento entre a soja de Balsas, no sul do Maranhão, a extração de madeira na fronteira com o Pará, a siderurgia em Açailândia e a agricultura familiar no resto do estado, com destaque para a produção de arroz. (PÖYRY, 2010, p. 79).

Foram fatores importantes para a escolha dessa região para a instalação da unidade de produção de celulose: a disponibilidade de terras baratas; a existência prévia de plantios de eucalipto, garantindo o suprimento inicial da fábrica enquanto a sua base “florestal” está em processo de formação; e a logística, com acesso via Ferrovia Norte-Sul ao Porto de Itaqui.

Os plantios de eucalipto estão se expandindo nas áreas de chapada, onde predomina a vegetação de cerrado: “Antes do eucalipto era cerrado, a chapada ninguém queria, e hoje o que vale

²² A CELMAR S.A. é um bom exemplo das ligações interempresas que caracterizam o setor de papel e celulose a partir dos anos 1990. Ela foi criada tendo como sócios a Risipar S.A. (55% do capital), a CVRD (30%) e a empresa japonesa Nissho Iwai Corporation (15%). A Risipar, por sua vez, foi criada por dois grandes grupos de São Paulo, a Papel Simão (comprada logo em seguida pelo grupo Votorantim) e a RIPASA (SOUZA, 1995, p. 137).

mais é a chapada” (Depoimento de João Mendonça,²³ agosto de 2012). Porém, a região vem sofrendo desmatamento desde 1970, com a retirada de madeira para uso comercial e como matéria-prima para a produção de carvão e também devido à instalação de pastagens para criação de gado bovino.

Na região de Imperatriz o projeto de instalação da fábrica foi bem recebido pela população em geral pois trouxe a perspectiva de geração de empregos e a promessa de desenvolvimento para a região. No que diz respeito às comunidades rurais, houve muitos casos de deslocamentos e expulsão de comunidades de suas posses. Porém, a Suzano adotou uma estratégia de aproximação mais cuidadosa, contratando pessoas com reconhecido trabalho junto a comunidades rurais na região e propondo projetos sociais vários, inclusive cedendo pequenas áreas em suas terras para o cultivo de milho, feijão e arroz. Tal estratégia parece ter sido exitosa até o momento, poupando a empresa de maiores conflitos e processos judiciais.

Curiosamente, isso se deu mesmo sendo a região reconhecida por sua tradição de lutas e organização social no campo. As principais organizações sociais que aí atuam são o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), a entidade ambientalista Fórum Carajás e o Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural (CENTRU) - que apoia os agricultores camponeses nas áreas de capacitação tecnológica e cidadania (STCP, 2010).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão da monocultura de eucalipto nos estados de São Paulo e Maranhão para atender às demandas da Empresa Suzano gerou importantes mudanças no uso da terra nas áreas afetadas e tem encontrado uma resistência crescente em algumas comunidades atingidas.

A territorialização da Suzano tem criado áreas de domínio do “mar de eucalipto”, marcadas pela presença de extensos eucaliptais, constituindo “polos de reflorestamento”. Essa realidade se expressa de forma visível em paisagens homogêneas e no denominado “deserto verde”, um campo esvaziado da presença humana e também de animais. Por sua abrangência e caráter exclusivista, varrendo de suas áreas outras formas de produção e produtores, estabelecendo o domínio da monocultura do eucalipto, assim como impactando fortemente o solo, a fauna e os recursos hídricos de onde se instala, a territorialização da Suzano no campo apresenta uma face fortemente espoliadora.

²³ Dono de viveiro de mudas de eucalipto em Urbano Santos - MA.



REFERÊNCIAS

- ABRAF. **Anuário estatístico ABRAF 2013** (ano base 2012). Brasília, ABRAF, 2013. Disponível em: <http://www.abraflor.org.br/estatisticas/ABRAF13/ABRAF13_BR.pdf>. Acesso em 20 dez 2014.
- FANZERES, A. (Org.) (2005). **Temas conflituosos relacionados à expansão da base florestal plantada e definição de estratégias para minimização dos conflitos identificados**. Brasília, Relatório para o Programa Nacional de Florestas, Ministério do Meio Ambiente / FAO.
- KRONKA, F. J. N., et al. (2002). **Inventário florestal das áreas reflorestadas do Estado de São Paulo**. São Paulo: Instituto Florestal.
- SUZANO (2014). **Relatório de Sustentabilidade 2014**. Disponível em file:///C:/Users/Z/Downloads/relatorio_sustentabilidade_2014.pdf. Acesso em 05 de out 2015.
- _____. (2013a.). **Apresentação institucional**. Disponível em: <http://ri.suzano.com.br/ptb/4638/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20Institucional_final-na.pdf>. Acesso em 05 jan 2014.
- SUZANO (2011). **Resumo público – Maranhão e Tocantins, Plano de Manejo Florestal, 2011**. Disponível em: <<http://www.suzano.com.br/portal/suzano-papel-e-celulose/plano-de-manejo.htm>>. Acesso em 10 mar 2012.
- STCP (2010). **Relatório de Impacto Ambiental – Rima da Área de Implantação do Projeto Florestal da Suzano, na Região de Porto Franco, Estado do Maranhão**. Curitiba, janeiro de 2010. Disponível em www.suzano.com.br. Acesso em 28/08/2012.
- PAULA ANDRADE, M. de et alii. (2012) **Conflitos socioambientais no Leste Maranhense: problemas provocados pela atuação da Suzano Papel e Celulose e dos chamados gaúchos no Baixo Parnaíba**. 231f. Relatório de pesquisa - Grupo de Estudos Rurais e Urbanos, Universidade Federal do Maranhão, São Luís.
- PÖYRY. **Estudo de Impacto Ambiental/Relatório de Impacto Ambiental referente à implantação da unidade industrial da SUZANO PAPEL E CELULOSE para fabricação de celulose branqueada e papel, no município de Imperatriz - MA**. São Paulo, 2010. Disponível em: <www.suzano.com.br>. Acesso em 26 ago. 2011.
- ROSTÁS, Renato. Suzano compra Fundo Vale Florestar por R\$ 528,9 milhões. Valor Econômico [online], São Paulo, 04 de junho 2014. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br/impreso/empresas/102/423053/suzano-tem-mais-de-r-4-bilhoes-a-mao-no-bndes>>. Acesso em: 07 ago. 2016.
- TOLEDO, Marcelo H. S. (2012). O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais. **Cadernos IHUideias**, ano 10, n. 167, 2012. São Leopoldo, UNISINOS.

WEBSITES CONSULTADOS:

BRASIL ECONÔMICO. Disponível em: <http://www.brasileconomico.com.br/>. Acesso em: 08 jan 2014.

CULTURA E MERCADO. Disponível em: <http://www.culturaemercado.com.br>. Acesso em: 12 dez 2013.

IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: várias datas entre mar de 2012 e dez de 2013.

Recebido em setembro de 2016
Aprovado em novembro de 2016